

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

LOBO MAU ORGANIZANDO FUNÇÕES¹

**Ana Paula Martins De Moura², Sandra Correa De Oliveira³, Glaucia Oliveira E Silva⁴,
Genori Da Silva Oliveira⁵, Tania Maria Souza⁶.**

¹ Projeto de Pesquisa Estágio Básico 1, apresentado ao Curso de Psicologia da Unijuí.

² ALUNO DO CURSO DE PSICOLOGIA - UNIJUI

³ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí

⁴ ALUNO DO CURSO DE PSICOLOGIA - UNIJUI

⁵ ALUNO DO CURSO DE PSICOLOGIA - UNIJUI

⁶ Professora e COORDENADORA CURSO DE PSICOLOGIA - UNIJUI

O presente projeto de Contos e Narrativas da infância, objetivou a realização e a utilização dos contos para o desenvolvimento de atividades lúdicas com crianças através da escuta. Nessa narrativa de contos permite a criança ter a representação do outro que através da linguagem do olhar busca uma completude.

Sabemos que os contos infantis são muito importantes para o desenvolvimento da criança, os contos possibilitam que o sujeito em constituição possa usar e abusar do lúdico. Através dos mesmos, as crianças estão livres para fantasiar e entrar no mundo do “faz de conta”, possibilitando ser quem elas quiserem, sem repressão ou cobranças.

Através da fantasia a criança busca significação a suas frustrações em relação ao momento que esta vivendo, no qual ela poderá dar outro sentido as forças repressoras inconsciente e abrir caminhos consciente aos aspectos significativos da infância.

Cada personagem e cada história trazem uma representação para a vida do sujeito em constituição. Estes contos permitem uma identificação fantasmática com personagens que se enquadram nos conceitos como bom, mau, ruim, grande e pequeno. Esses conceitos despertam nos ouvintes de uma narrativa os sentimentos constituintes do sujeito, dentro desta perspectiva de alguns contos a criança identifica-se com o sentimento de medo, este medo futuramente vem para despertar sua curiosidade. Mario Corso e Diana L. Corso dizem:

“ O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do Universo (...). É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, desenvolvemos também o sentimento da curiosidade e a disposição à coragem (...)” (Página 17, Livro Fadas no Divã)

Diante deste sentimento a criança busca conhecer as atrocidades da vida adulta. Através dos personagens fantasmáticos o reconhecimento é possível, pelo uso da fantasia, os personagens em cada conto tem uma representação funcional que opera um significante para a criança, nesta rede de representações o sujeito se constitui. Seus devaneios mais sublimes buscam uma conjuntura representacional para seus significantes. O elemento mágico que se manifesta nos contos de fadas tanto para crianças e adolescentes é um brilho que continua desde os primórdios e não se supera na modernidade, pois mesmo com a tecnologia na palma da nossa mão, busca-se ainda o mundo da

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

fantasia, uma vez que só ali pode-se viver o que na vida real não seria permitido. Mesmo com os apetrechos virtuais os contos ainda organizam as funções psíquicas nos sujeitos.

Através desta leitura iremos buscar contribuições nas histórias que apresentam o Lobo Mau, explicando e nomeando suas funções para a vida do sujeito em constituição. Na experiência com um grupo de crianças, em uma instituição que abriga crianças fora do convívio com a família, a partir de nossas vivências usaremos como base nossas observações experimentadas durante o estágio. Uma vez que o mesmo é dividido em dois grupos, chamaremos aqui de grupo 1 e grupo 2.

O grupo 1 é composto por crianças de 2 à 6 anos e o grupo 2 com crianças de 9 a 14 anos, ressaltando que não há crianças de 7 e 8 anos. O que podemos observar que no grupo 1 a evocação pelo nome do Lobo é constante e no grupo 2 o elemento que teve função organizadora foi a figura do Lobo.

É necessária essa invocação ao lobo, e a partir dele outros elementos podem ser apresentados. Por tratarem-se de crianças pequenas, na faixa dos dois anos, encontram-se na fase oral, é normal que em algumas brincadeiras demonstrem a intenção das mordidas, não chegando de fato a executá-las. Ainda de acordo com Corso, “a invocação de um intermediário entre a mãe e a criança, esse é precisamente o lobo”. (p.58)

Por que intermediário? Podem-se questionar os interlocutores, intermediário entre a fantasia e a realidade; Uma vez que o lobo pode evocar o nome do pai. E esse nome é evocado a cada vez que vamos contar uma história, a primeira pergunta que elas nos fazem é “Historinha do Lobo?” Mas esse pedido para que tantas vezes repita-se a historinha em que apareça o lobo, tem como base a explicação de Corso que diz: “querer o mesmo conto repetidas vezes, justifica-se pelo prazer de encontrar o lobo, constatar a ameaça real que ele contém e assustar-se, para bem de tranquilizar-se. É por isso que o objeto fóbico tem no pai seu melhor representante”. (p.58)

O Lobo Mau pode ser visto como a figura fantasmática, representada pelo pai enquanto significante Nome do Pai. Segundo Corso a figura do Lobo pode ser fantasiada pelas crianças como algo assustador, mas é ele quem as convoca para que saiam de seus esconderijos, onde podem ser engolidas pelas entranhas de suas mães. O temível Lobo Mau faz o papel do pai, que coloca a lei, podemos ver isso no Complexo de Édipo² onde o pai é amado e temido pelo seu filho. Na fase Edipiana é onde se instaura a lei, o pai consegue enfrentar a mãe e livrar a criança de ficar presa nas entranhas da mesma.

Mario Corso e Diana Lichtenstein Corso dizem:

“Parece contraditório, mas a figura do lobo abre espaço, ao mesmo tempo, para representar o risco da incorporação ao corpo materno, assim como seu oposto, a personificação de um objeto fóbico que lhe ajude a circular no mundo externo.” (Pág. 58)

As crianças fantasiam o Lobo Mau como algo temível, feroz, que consegue aterroriza-las, e por isso o temem tanto. É bem comum que o Lobo tome a forma de palhaço, bicho papão entre outros, pois trás segurança ao sujeito saber onde está seu objeto fóbico. É difícil lidar com algo desconhecido, é como estar em um lugar o qual nunca estivesse ido antes e o pior, no escuro, além do medo vem a angústia de não saber o que está ali, se aquilo pode nos atacar ou não. Por isso que transferimos ao objeto fóbico coisas que estão presentes em nosso cotidiano e ao alcance de nossos olhos, pois já temos conhecimento destes medos.

Entende-se objeto fóbico como figura apavorante, eleita pela maioria das crianças para seu uso pessoal. Por exemplo, bicho papão. De acordo com Diana e Mário Corso, sua forma varia bastante,

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

os objetos fóbicos mais comuns são aqueles fáceis de ser encontrados no dia a dia e nos lugares frequentados pelas crianças. (p.58)

O medo do escuro é tão temeroso, pois trás com ele uma enorme angústia que é pior que o medo, esta angústia de não saber onde estamos e o que nos espera é parecida com a angústia que a criança sente de ser engolida pela sua mãe, conforme já abordado ao falar sobre Complexo de Édipo. Então o Lobo Mau ou o pai simbólico enquanto Nome do Pai aparecem para convocá-la a sair de seu esconderijo, a conhecer os riscos e os prazeres que a vida lá fora apresenta.

Na história de Chapeuzinho Vermelho podemos identificar movimentos que as crianças vivenciam diariamente, segundo Mario Corso no livro *Fadas no Divã Chapeuzinho Vermelho* sabe que o Lobo está interessado nela, entretanto pensa “(...) mas se alguém quer algo de mim, quem sabe pode ser que queria me engolir” e é por isso que aparece a figura do caçador, o qual faz um “parto” para tirar Chapeuzinho da barriga do Lobo, pois é ao nascer que saímos do ventre materno. Podemos observar este movimento com o movimento que o pai enquanto função simbólica faz ao mostrar que o bebê e sua mãe não são um ser só, de início a mãe completa-se em seu filho e seu filho completa-se em sua mãe, então vem o Lobo Mau mostrar para o bebê que ele não faz parte do corpo de sua mãe, e somente a partir disso que ele é um sujeito também.

Segundo Mário Corso e Diana L. Corso:

“O pai ocupa a mãe, ao exigir seu quinhão no interesse dela, oferecendo-lhe prazeres adultos que o bebê não pode lhe dar, fazendo com que muitas vezes ela se desencontre da criança. (...) Mas se há alguém disponível para ser culpabilizado por retirar da criança a atenção da mãe, este é o pai, afinal é com ele que ela dorme.”

(Pág. 58)

Mesmo havendo fatores externos que afastem a mãe de seu bebê a criança interpreta a figura paterna como causadora da ausência da mãe, ligando o pai à figura do Lobo Mau.

Podemos observar que os contos que apresentam a figura do Lobo Mau fazem uma função organizadora na constituição psíquica do sujeito, podemos ligar esta função com a função paterna. A posição paterna tem a ação organizadora na vida da criança, nesta organização psíquica o pai inscreve a lei mostrando à criança que há um Universo além da mãe. No universo lúdico a criança permite-se desobedecer as regras, podemos observar isso na história de Chapeuzinho Vermelho, onde o Lobo, mais uma vez aparece para mostrar à criança que existe um mundo lá fora, o mundo do faz de conta é onde a criança se permite expressar seus medos, fantasias, angústias e sofrimentos. É onde ela consegue ressignificar sentimentos e simbolizar experiências que ainda não puderam ser elaboradas.

Percebemos que nos dias atuais os contos ainda fazem-se importantes nas organizações das questões internas do sujeito, ainda que inconscientemente. Embora estejamos vivendo a era virtual não encontramos nela os mecanismos que os contos nos apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corso, Diana Lichtensnteins

Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis/ Diana Lichtenstein Corso, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed 2006.

Macedo, Mônica Medeiro Kother

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

Neurose: Leiruras Psicanálticas/ Mônica Medeiros Kother Macedo (org.), Adriane Mohr...(et al.)-
Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002
Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michel. Dicionário de Psicanálise: Rio de Janeiro: Zahar, 1998